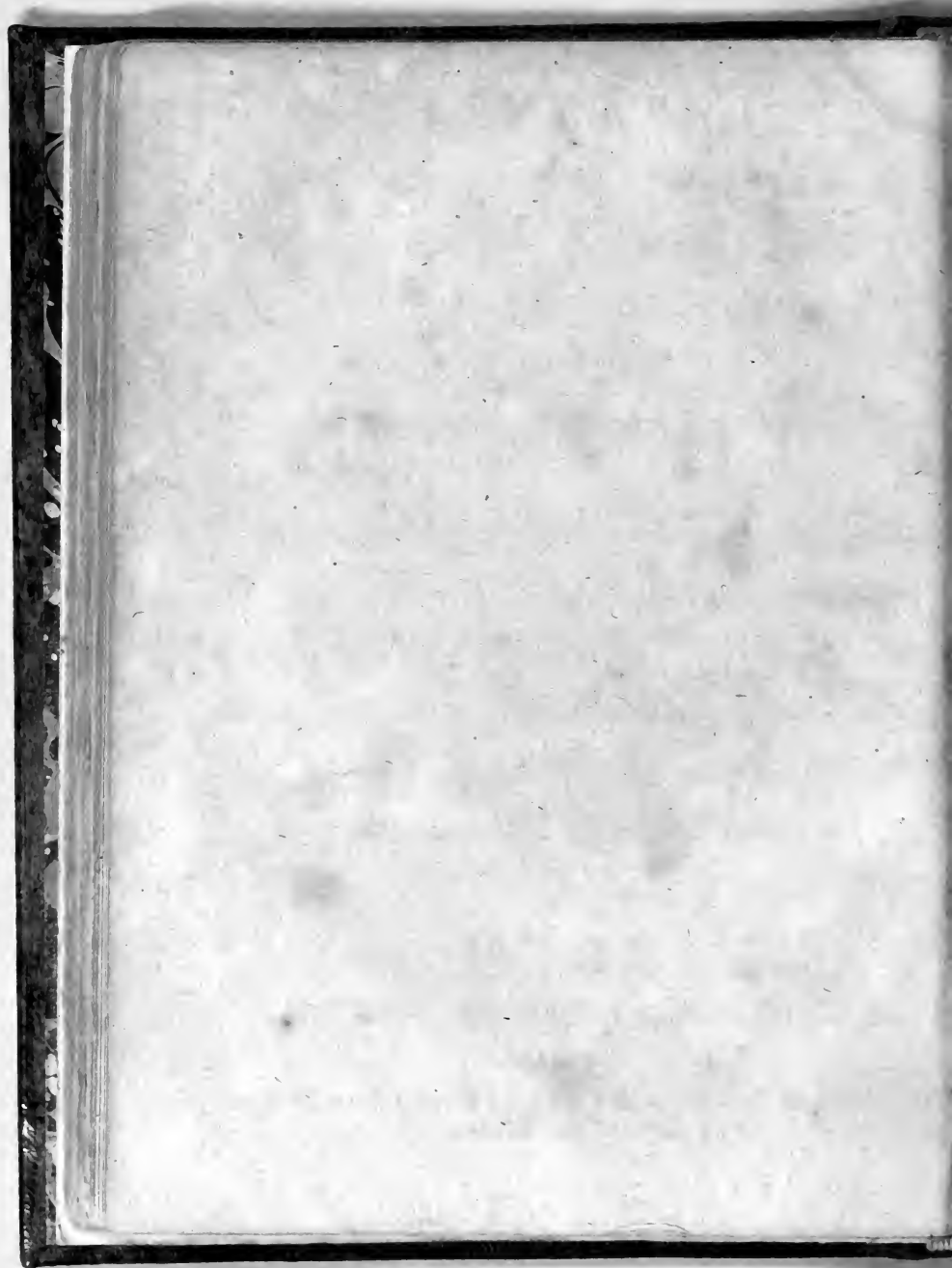
The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a complex marbled pattern, featuring large, swirling, shell-like motifs in shades of grey, black, and white. A small, rectangular white label is centered on the upper half of the cover. The label contains three lines of text in an italicized serif font. The text reads: "The Gift of", "The Associates of", and "The John Carter Brown Library".

*The Gift of
The Associates of
The John Carter Brown Library*

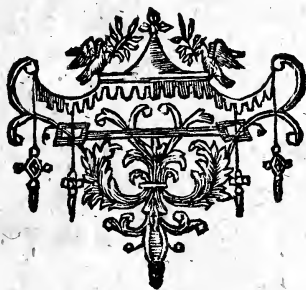








LEMBRANÇA
SAUDOSA,
COM QUE PORTUGALLAMENTA
A SEMPRE CHORADA MORTE
DO SERENISSIMO SENHOR
D. JOSEPH
PRINCIPE DO BRASIL.



LISBOA

Na Offic. Patriarcal de FRANCISCO LUIZ AMENO.

M. DCC. LXXXVIII.

*Com licença da Real Mesa da Commisãõ Geral sobre o Exame;
e Censura dos Livros.*

ELEGIA.

MUSA, troquemos esse dom celeste
De fazer versos, em sentido pranto,
Cinza-me a fronte o funebre Cypreste.

Se já foi agradavel o meu canto
A quem as tristes lagrimas dedico
Cheio de confusão, cheio de espanto,

Agora nesta magoa, te suplico
Que me inspires noções, que justamente
Expliquem bem a pena com que fico.

Se em ricas urnas d'ouro refulgente
Recamadas de finas pedrarias,
Com o culto mais terno, e reverente;

Eu não posso guardar as cinzas frias
De saudosas lagrimas banhadas,
Do Principe, que honrava os nossos dias;

Suas virtudes devem ser gravadas
Do Menalo nos troncos mais robustos,
Onde sejaõ do tempo respeitadas.

Quanto mais do q os Titos, e os Augustos
Foi o nosso bom Principe adoravel
Digno de eternos, de famosos bustos?

Tu, cruel Morte, Morte inexoravel,
Nunca déstes hum golpe tão tyranno,
Nunca destrago foi tão lamentavel.

Tua mirrada maõ, que fez tal damno,
Devia nunca mais ter exercicio
Depois deste fatal, deste inhumano.

Aquelle tão sublime beneficio,
Que o Ceo nos tinha feito por piedade
Em quem nunca tocou mancha de vicio:

Aquelle, em quem se via a Magestade
Resplandecendo n'hum gentil semblante
Cheio de graças, cheio de bondade:

Nelle nos déste o golpe penetrante,
Os corações sem dó nos traspassaste
Naquelle acerbo rigoroso instante.

Por-

Porque, dize inimiga, nos roubaſte
Toda a noſſa eſperança, e toda a gloria,
E ſó magoa indelevel nos deixaste?

Tu me reſponderás, que em longa hiſtoria
Ha de ſer o ſeu Nome celebrado,
Que immortal ficará ſua memoria.

Que hum throno mais ſublime, e reſpeitado,
Em lugar do terreno, que perdera,
Vai fazer mais feliz o ſeu eſtado:

Que no teu tribunal a lei ſevéra
A' riſca ſe executa nos viventes,
Porque o primeiro Pai aſſim quizera;

Que eſta herança ficará aos deſcendentes,
Ou mais cedo, ou mais tarde praticada,
Pois que todos ficaram delinquentes.

Mas tu, contra a virtude conjurada,
Exercitas a lei com tyrannia,
Talvez que pela inyeja arrebatada.

Levas aquelle, que viver devia
Para noſſo exemplar, e por modelo,
E que hum bem ſem limite promettia.

Mil vezes tens poupado d'hum flagello
O impio coração , para o assassínio
Tem mais valor hum Sylva que hum Metelo.

Quem póde penetrar o teu destino !
Tratas com violencia o virtuoso ,
Es indulgente para o máo , e indigno.

Tu Portugal farias venturoso ,
Se o tributo , que exige a natureza ,
Agora o não fizeras lastimoso.

A flor que no jardim tanto se préza ,
Se he despojo do rispido nordeste ,
Maldizemos do vento a vil surpresa.

A preciosa vida acommeteste
D'hum Principe perfeito , e devoraste
Seu puro coração nada terrestre.

Ah cruel ! Se este bem , que nos roubaste ,
O resgatassem lagrimas ardentes ,
Não soffreria o Reino este contraste.

Tu verias de rios mil correntes ,
Que a desolada terra inundariaõ
Das lagrimas mais ternas , mais pungentes.

Os

Os fufpiros os ares fenderiaõ,
Os foluços as penhas abrandaraõ,
E todos por falvallo morreriaõ.

Porém fe os noſſos ais nada reparaõ
O deſtrago, que injuſta nos tens feito,
Todos já crua guerra te declaraõ.

Se nos tiraſte hum Principe perfeito,
Já os que ficaõ desprezando a vida
Naõ ſentem do teu braço o duro effeito.

O teu ſevero aſpecto, que intimida,
Já fuſto nos naõ cauſa, nem receio;
Antes parece que o amor convida.

E pois naõ temos de reſgatallo o meio,
Que enchera de prazer noſſa ternura,
Vamos da ſepultura ao triſte ſeio;

E lá cheios de dôr, e de amargura,
Reguem a terra lagrimas amantes,
Abrandemos chorando a pedra dura.

Mas ſaõ noſſos pezares taõ poſſantes,
Que os corações naõ pôdem magoados
Supprir aos olhos lagrimas baſtantes.

Subaõ aos Ceos ferenos nossos brados;
Elles saõ justos, dar-nos-haõ ouvidos,
Pois escutaõ a voz dos desgraçados.

A Morte não faz caso de gemidos,
Fica furda os clamores desprezando,
Inda que justamente produzidos.

Deos Clemente, q hum Reino miserando,
Vedes do alto, do eterno Affento,
As lagrimas sem fruto derramando,

Já sem forças no peito, sem alento,
Os olhos de chorar intumecidos
Exhalando suspiros cento a cento:

Vós, que destes quilates taõ fubidos
De virtudes, e dons incomparaveis
A poucos dos humanos concedidos:

Vós, que as qualidades mais amaveis
Dêstes ao nosso Principe sobrano,
Que saõ aos vossos olhos agradaveis:

Se outro igualmente bom resgata o damno
Dos seculos futuros duvidosos,
Adoro humildemente o vosso arcano.

Se

Se premiais assim os virtuosos ;
Fazendo-os com prompta recompensa
Inda na flor dos annos venturosos ;

Louvaremos , Senhor , aquella immensa
Sabedoria , que exerceis no mundo ,
Cubriendo a nossa luz de nuvem densa.

O segredo dos Ceos he tão profundo ,
Que o nosso amado Principe contemplo
Gozando hum immortal prazer jucundo.

Já entrando da gloria ao grande Templo ,
Da feliz , da suprema Eternidade
Sobre nós reverbéra a luz do exemplo.

Lá teve o premio justo da verdade
Dos seus candidos puros sentimentos ,
Lá tem visto o que póde a Caridade.

Acordes hymnos , angelicos accentos
Ouve os celestes Córos alternando
Livre dos tristes , dos mortaes eventos.

Alli estais , ó Principe , gozando
Daquella eterna paz , da paz serena ,
Com os Heróes celestes conversando.

Po:

Porém se aquella massa inda terrena ,
Com que nos cobre a natureza humana ,
A sentir saudades nos condemna ;

Se a Morte para nós foi tão tyranna ,
Que de Vós nos privou , Príncipe amado ,
E da perda cruel nos defengana :

Se o nosso dia alegre já mudado
Se vê em triste noite tenebroza
Vendo o vosso esplendor todo eclipsado :

A chorar nos obriga a lei forçosa ,
A lei da natureza , a humanidade ,
Que nos faz vossa ausencia tão custosa.

Nada já o prazer nos persuade ,
Antes cubertos do funesto manto
Só para lamentar temos vontade.

Corre por entre nós fatal espanto ,
Os éccos tristes nos quebrados montes
Vosso Nome repetem , e o nosso pranto.

Vemos turbar-se as cristallinas fontes
Convertendo a corrente em negro lodo ,
Cobre hum denso vapor os horizontes.

O mar geme nas praias ao seu modo ,
As aves fogem dos filhinhos caros ,
Está consternado o sensitivo todo.

Justos effeitos , sentimentos raros
Espalhou pelo Reino a desventura
Tão tristes , tão pungentes , tão amaros.

O rouxinol não canta na espeffura ,
A voz , com que trinava , tem perdida ,
Piando explica a sua magoa dura.

A campina viçosa de sentida
De repente deixou murchar as flores ,
A hum a árida terra reduzida.

Nas cabanas se escondem os Pastores
Ouvindo pelas altas ribanceiras
Tristes vozes , inspidos clamores.

Porque as perversas aves agoureiras
Com temerosos lamentaveis gritos
Fazem parar as lympas das ribeiras.

Os desgostos , Senhor , são infinitos ,
Tudo mudou a face inteiramente ,
E os prazeres em nós serão delictos.

Cho-

Choraremos por Vós eternamente ;
E se o tempo voraz tudo consome,
Será por este allivio delinquente.

Durará entre nós o vosso Nome ;
Sempre immortal ferá em toda a idade,
Sem que o pezar nos corações se dome.

Naõ póde minorar-se a saudade,
Quando a causa sem remedio existe,
E nos priva o desgosto a liberdade.

A' dor universal ninguem resiste,
Tudo por Vós suspira , e tudo clama ;
Naõ ha semblante que não veja triste.

O pobre no desgosto mais se inflamma
Depois que vio a vossa mão gelada,
E que Reaes grandezas não derrama.

Porém Vós , que occupais alta morada
Da graõ Jerusalem , da eterna Corte ,
Vendo a vossa virtude abençoada ;

Se he possivel saber do Reino a forte ;
Lançai , Senhor , lançai vista piedosa
Sobre quem por Vós soffre hum mal taõ forte.
Ve-

Vede a Real Espôsa virtuosa
Devorada de dôr, e de amargura,
Que sempre a conhecestes extremosa.

Qual será o effeito da ternura
Que finta hum coração despedaçado
Da saudade mais tyranna, e dura!

Vede a nossa Sobrana, desmaiado
O Magestoso rosto de saudade,
E o pezar no peito concentrado:

Vede aquelle compendio de amizade,
Aquelle a quem amaveis ternamente,
E que havia entre Vós igual vontade:

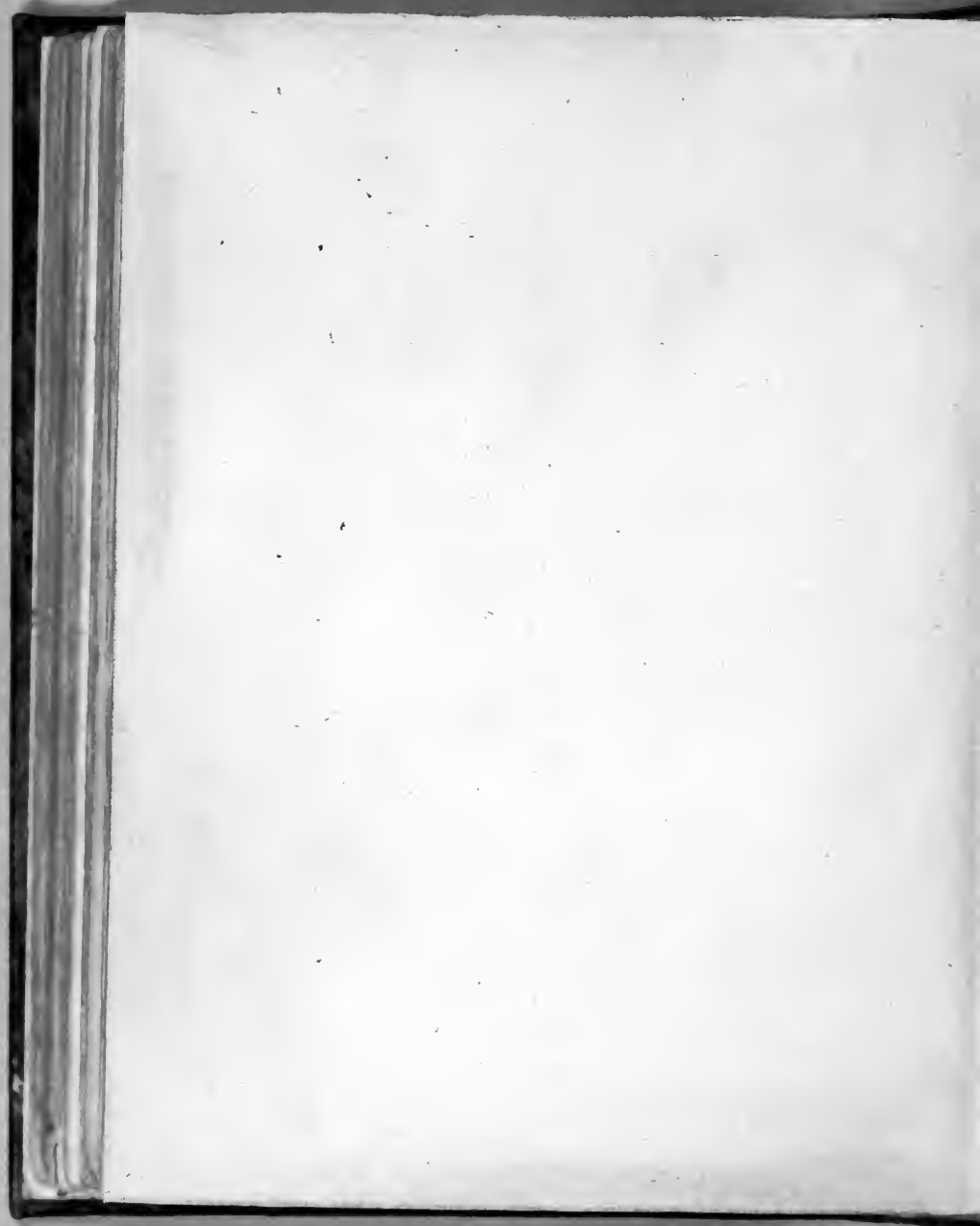
Aquelle a quem a Mão Onnipotente
Nos deu por lenitivo á nossa magoa,
Quanto chora por Vós, e quanto sente:

Toda a Casa Real em triste fragoa
Lamenta a vossa perda inconsolavel,
Que o coração nos olhos lhe desfagoa:
Tanto merece hum Principe adoravel.

()

B 5b





C788
S255d





